

Referências e leitura complementar

- BOURDIEU, P. *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. London: Routledge; Kegan Paul, 1986.
[Ed. Bras.: *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo; Porto Alegre: Edusp; Zouk, 2007.]
- FEATHERSTONE, M. *Consumer Culture and Postmodernism*. 2.ed. London: Sage, 2007.
[Ed. Bras.: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.]
- GIULIANOTTI, R.; ROBERTSON, R. Glocalization, globalization and migration: the case of scottish football supporters in North America, *International Sociology*, 21(2), 2006, p.171-98.
- JENKS, C. Introduction: the analytic bases of cultural reproduction theory. In: JENKS, C. (ed.). *Cultural Reproduction*. London: Routledge, 1993, p.1-16.
- ROJEK, C.; TURNER, B. S. Decorative Sociology: towards a critique of the cultural turn, *Sociological Review*, 48(4), 2000, p.629-48.
- STEINER, G. *In Bluebeard's Castle: Some Notes on the Redefinition of Culture*. New Haven, CT: Yale University Press, 1983.

ESFERA PÚBLICA

Definição prática

Arena da discussão e do debate público nas sociedades modernas, podendo ser espaços formais e informais.

Origens do conceito

As democracias modernas se desenvolveram junto com a mídia de massa, sobretudo jornais, panfletos e outras publicações. Em um sentido bastante real, a **mídia de massa** possibilitou e estimulou a **cultura democrática**. A esfera pública surgiu nos salões e cafés dos séculos XVII e XVIII em Londres e Paris, bem como em outras cidades europeias, onde as pessoas se encontravam para discutir os assuntos do dia. Embora apenas

uma pequena parcela da população estivesse envolvida nessa cultura, essas pessoas foram vitais para o desenvolvimento inicial da **democracia** porque os salões introduziram a ideia de solução de problemas políticos por meio do debate público. Hoje em dia, a mídia de massa é vista negativamente como algo que trivializou o processo democrático e criou um clima de hostilidade geral em relação à política. Como aconteceu uma mudança tão radical e será que ela pode ser revertida? A figura-chave nos debates sobre a esfera pública é o filósofo e sociólogo alemão Jürgen Habermas, que se aprofundou em temas da Escola de Frankfurt em diversas direções, com base em seus estudos da linguagem e do processo de democratização. Ele analisou o surgimento e o desenvolvimento da mídia de massa a partir do início do século XVIII até os dias de hoje, traçando a criação e a posterior decadência da "esfera pública".

Significado e interpretação

Para Habermas (1989 [1962]), a esfera pública é uma arena de debate público em que os assuntos de interesse geral podem ser discutidos e as opiniões podem ser formadas, o que é necessário para a efetiva participação democrática e para o processo democrático. A esfera pública – pelo menos, em princípio – envolve a reunião de indivíduos igualmente em um fórum para o debate público. Contudo, a promessa do desenvolvimento inicial da esfera pública não se concretizou por completo. O debate democrático nas sociedades modernas agora é sufocado pelo desenvolvimento da indústria da cultura. A disseminação da mídia de massa e do entretenimento de massa faz que a esfera pública definahe. A política é manipulada no parlamento e na mídia de massa, enquanto os interesses comerciais dominam. A "opinião pública" não é formada por discussões abertas e racionais, mas por meio da manipulação e do controle – por exemplo, na publicidade. Por outro lado, a difusão da mídia global é capaz de pressionar governos autoritários a soltarem as rédeas das grandes emissoras estatais e muitas sociedades "fechadas" como a China estão descobrindo que a mídia pode se tornar uma força poderosa no apoio da democracia.

Entretanto, conforme se torna cada vez mais comercializada, a mídia global invade a esfera pública da forma descrita por Habermas. A mídia comercializada fica refém do **poder** da renda de publicidade e forçada a favorecer conteúdos que assegurem elevados índices e vendas. Como resultado, o entretenimento necessariamente triunfará sobre a polêmica e o debate, enfraquecendo a participação do cidadão nas questões públicas e atrofiando a esfera pública. A mídia, que tanto prometia, agora é parte do problema. Mas Habermas continua otimista, afirmando que ainda é possível vislumbrar uma **comunidade** política para além dos **Estados-nação** individuais em que os problemas podem ser discutidos abertamente e onde a opinião pública influenciará os governos.

Richard Sennett (2003 [1977]) afirmava também que as esferas privada e pública se separaram, tanto fisicamente – com a construção de propriedades residenciais individuais, ambientes de trabalho e locais de lazer (inclusive os *shopping centers*) –, como filosoficamente – no modo como pensamos sobre a nossa vida privada individual, por exemplo. No entanto, para ele a esfera privada tende a canalizar – ou dominar – a esfera pública de modo que, por exemplo, os políticos sejam agora mais julgados por suas características pessoais, como honestidade e sinceridade, em vez de sua capacidade de desempenhar uma função pública. O advento da moderna mídia visual, sobretudo a televisão, resultou em uma apresentação altamente desenvolvida do eu [*self*] por figuras políticas cujo objetivo é atender essas expectativas de suas personalidades. Para Sennett, isso destrói a efetiva vida política e representa a decadência do cargo público marcado pelo comprometimento.

Aspectos controversos

As ideias de Habermas sofreram críticas significativas. A cultura do salão que ele defende como uma arena do debate racional e civilizado era absolutamente restrita às **classes sociais** mais elevadas e estava fora do alcance da classe trabalhadora. Tratava-se de um passatempo elitista que tinha muito pouco a ver com as necessidades da participação democrática massiva.

A esfera pública também se formava excluindo alguns grupos sociais como as mulheres, as minorias étnicas e as pessoas sem posses. Ainda que limitada em sua essência, a ideia de uma esfera pública permitiu que os homens da classe média se dessem conta de si mesmos e de sua função e a apresentasse aos outros como universal. Intelectuais feministas afirmam que Habermas não dá atenção suficiente à natureza de *gênero* da esfera pública. Ao separar a esfera pública da esfera doméstica e privada, muitas questões que eram importantes para as mulheres foram simplesmente excluídas. Segundo Nancy Fraser (1992), a esfera “pública” jamais foi de fato “pública”, se por “público” compreendermos aberto a todos. Alguns “públicos” – como as mulheres – tinham a participação deliberadamente vetada, o que demonstra que as relações sociais **conflituosas** corroboravam a concepção idealizada de uma esfera pública comum. O conceito de esfera pública era uma **ideologia** que ajudou a legitimar as desigualdades sociais. A visão de Habermas de que a mídia de massa contemporânea destrói a esfera pública também foi considerada como equivocada, pois a mídia hoje pode, na verdade, permitir *mais* debates públicos divulgando uma série de questões públicas e incentivando uma discussão mais ampla na **sociedade**. A internet, com seus incontáveis fóruns, blogs e salas de bate papo, é apenas o exemplo mais recente disso, e mostra que a esfera pública pode, na verdade, estar se expandindo e não se contraindo.

Relevância contínua

As ideias de Habermas provocaram muita discussão e polêmica. Hoje, a impressão é de que perderam terreno diante de críticas daqueles que defendem a mídia de massa como, ao fim e ao cabo, uma força positiva na sociedade, mas também de pensadores pós-modernos que veem o medo e a desconfiança do público de “massa” em sua análise. As críticas são de certa forma pertinentes. Mas, mesmo assim, Habermas nos lembra com propriedade que o projeto racional e modernista ainda tem muito a oferecer à teoria social.

A mídia de massa quase sempre foi destacada como exercendo um papel fundamental na banalização da política e da vida cultural. Essa ideia é

aprofundada no trabalho de Graham Murdock (2010), que analisa o crescimento da cultura das celebridades, tema bastante recente de interesse dos sociólogos. Murdock analisa mudanças na “cultura visual” a partir do advento do fotojornalismo, no início dos anos 1960, através de um estudo de dois tabloides britânicos (*The Sun* e o *Daily Mirror*). Dada a crescente volatilidade do comportamento eleitoral, os políticos foram forçados a prestar mais atenção à identidade própria e à identidade da sigla de seus partidos, o que se traduz em uma maior preocupação com a aparência e a imagem como se vê no mundo das fotos da imprensa do mercado de massa.

É comum ver a China como um país totalmente desprovido de esfera pública onde questões polêmicas sejam divulgadas e as decisões tomadas. Como alternativa, uma perspectiva corporativista estatal vê as autoridades chinesas como dispostas a permitir a criação de grupos e organizações sociais desde que obtenham autorização e aceitem a regulamentação do Estado. Contudo, uma polêmica pública na mídia acerca da construção de uma hidrelétrica no Rio Nu resultou na interrupção do projeto pelo governo chinês. Yang e Calhoun (2007) discutem esse acontecimento nos termos da emergência de uma esfera pública especificamente “verde” na China. Essa esfera pública em desenvolvimento consiste de três elementos: “a fala verde” ou o discurso ambiental, grupos que produzem e consomem a fala verde (sobretudo ONGs ambientalistas) e as formas de mídia que a divulgam. Rejeitando a posição corporativista estatal ortodoxa, os autores afirmam que ela não dá peso suficiente no atual contexto chinês a ações criativas de organizações dentro da sociedade civil.

Referências e leitura complementar

- FRASER, N. Rethinking the public sphere: a contribution to the critique of actually existing democracy. In: CALHOUN, C. (ed.). *Habermas and the Public Sphere*. Cambridge, MA: MIT Press, 1992, p.109-42.
- HABERMAS, J. *The Structural Transformation of the Public Sphere* (Cambridge, MA: MIT Press, 1989 [1962].
[Ed. Bras.: *A transformação estrutural da esfera pública*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.]

- MCKEE, A. *The Public Sphere: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- MURDOCK, G. F. Celebrity culture and the public sphere: the tabloidization of power. In: GRIPSRUD, J.; WEIBULL, L. (eds.). *Media, Markets and Public Spheres: European Media at the Crossroads*. Bristol: Intellect Books, 2010, p.267-86.
- SENNETT, R. *The Fall of Public Man*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003 [1977].
[Ed. Bras.: *O declínio do homem público*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.]
- YANG, G.; CALHOUN, C. Media, civil society, and the rise of a green public sphere in China, *China Information*, 21(2), 2007, p.211-36.

IDENTIDADE

Definição prática

Aspectos característicos da personalidade de um indivíduo ou a personalidade de um grupo, relacionados ao seu sentido de si próprio [self].

Origens do conceito

Identidades são construídas e não inatas. O trabalho de Cooley (1902) e Mead (1934) no início do século XX foi importante para o desenvolvimento de teorias sobre o eu e a identidade. A teoria do “*looking glass*”, ou autoespelho, de Cooley afirmava que a avaliação que o outro faz de uma pessoa afeta e, potencialmente, modifica a visão que essa pessoa tem de si mesma. Contudo, a teoria de Mead foi a primeira teoria sociológica sistemática da formação e do desenvolvimento do eu que insistia que o eu não é uma parte congênita de nossa biologia, nem surge simplesmente com o desenvolvimento do cérebro humano, mas é formado na **interação** social com outros. Mead demonstrou que o estudo do eu do indivíduo não pode ser separado do estudo da **sociedade** – e isso requer uma perspectiva sociológica. O surgimento de um sentido de eu é um prelúdio necessário para a formação de uma identidade pessoal. Os